

# EM BUSCA DOS NOSSOS IRMÃOS! JOSÉ E A MISSÃO QUE (AINDA) É NOSSA

Alan Brizotti<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo aborda um ângulo profundo da natureza de José, filho de Jacó, um dos grandes personagens do Antigo Testamento: a questão da missão familiar - missão essa que ainda é nossa - apesar dos conflitos e enfrentamentos. A história de José reserva tramas, dramas e momentos de pura inspiração. As intrigas familiares não foram capazes de abalar a sua fé, pelo contrário, tornaram-no uma referência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família; missão; crises; conflitos; graça; restauração.

## INTRODUÇÃO

José é um dos personagens mais profundos e intrigantes da Bíblia. Sua história é rica em detalhes e lições. A Bíblia nos apresenta José no contexto de uma guerra de sentimentos: José é amado por seu pai Jacó, mas esse amor provoca o ódio dos irmãos<sup>2</sup>.

A história de José nos leva à difícil compreensão de que não existem atalhos para a vida e que nem sempre o caminho do amor será de luzes e cores. Não é uma história repleta de elementos de fantasia - é a vida! José nos ensina lições de quem anda com Deus no chão dos conflitos.

O nome de José significa “*O Senhor acrescenta*”, sua vida é marcada pela crise, pelo enfrentamento das piores dimensões de dor e caos, contudo, ele não perde a conexão com o seu Deus.

José sai de casa com uma missão dada por seu pai: “Procure seus irmãos”<sup>3</sup> - ele sai da presença de seu pai e enfrenta o desafio da procura, de sair ao mundo em busca dos outros. Ele só vai se encontrar com seu amado pai quando a missão estiver completa.

---

<sup>1</sup> Alan Brizotti nascido em São Paulo, é escritor com 17 livros publicados. Mestre em Teologia pela Boston University (USA). Professor e pesquisador das áreas de teologia, filosofia, liderança e família. Casado com Mari Brizotti, pai de Eduardo Brizotti. Conferencista, atualmente mora em Goiânia-GO.

<sup>2</sup> Gn. 37.3-4

<sup>3</sup> Gn. 37.14

Precisamos refletir sobre alguns conflitos da história de José para que possamos compreender que a missão dele *ainda* é nossa:

## 1. CONFLITOS FAMILIARES

Uma observação muito interessante feita por Vladimir Solov'ev diz que José foi o penúltimo filho de Jacó, nascido em sua velhice<sup>4</sup>. Quando o pai, Jacó, demonstra mais amor ao seu filho da velhice, desperta o conflito da hierarquia: os privilégios deveriam ser dos mais velhos, a velha guarda, os veteranos.

O texto bíblico diz que os irmãos tinham ciúmes. O ciúmes tende a nivelar para baixo. Esse ciúmes foi fruto de um falso conceito de justiça: não é que os irmãos quisessem ser mais amados que José - eles queriam que *José não fosse!* É característico das relações de inveja esse desejo doentio de que o outro não tenha sucesso, pois o sucesso do outro, dói.

Jacó age com base em suas próprias experiências familiares: ele também não era o primogênito, mas “comprou” a bênção do irmão, Esaú. Mais tarde, quando ele foi abençoar os filhos de José, inverteu as mãos e colocou a mão direita na cabeça do mais novo, Efraim!<sup>5</sup> Interessante é que, na vida de José, tudo parece preencher-se de significado.

José é uma profunda figura de Cristo! Em tudo vemos o simbolismo poderoso de Jesus. A família de Jacó morava em Hebrom e seus filhos estavam em Siquém, a mais de 80 km de distância. Assim como Cristo, José não mediu a distância - apenas agiu com obediência. Estar em busca é parte significativa do viver a *missio Dei*.

Ao enviar José para procurar seus irmãos, Jacó nos mostra figurativamente o Pai enviando seu filho ao mundo para buscar os perdidos. José sempre viveu sua identidade na obediência ao Pai. Essa é a raiz da verdadeira unidade. Essa *ainda* é a nossa missão! Os irmãos de José, no fundo, têm medo que os sonhos se cumpram e eles sejam dominados, por isso passam a odiar José e o conteúdo dos seus sonhos<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> RUPNIK, Marko Ivan. “**Procuo meus irmãos**”: *Lectio divina* sobre José do Egito. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 19

<sup>5</sup> Gn. 48.13-21

<sup>6</sup> Talvez esse tenha sido um “equivoco” de José: contar seus sonhos.

Não existe missão mais difícil do que alimentar o verdadeiro amor no meio da própria família, sem o vírus da competição maldosa. Dentro de casa, quando os vínculos se quebram, é que Deus levanta seus Josés.

## 2. CONFLITOS NA ALMA

A Bíblia diz que os irmãos jogaram José numa cisterna “sem água”<sup>7</sup>. Um buraco vazio, sem água, sem comida, só escuridão. José estava agora destinado a uma morte lenta, dolorosa e angustiante. A realidade trágica aqui se agigante: nem sempre o caminho da obediência nos levará ao êxito, ao sucesso. A lição de José vai contra as noções exageradas de bênção e, principalmente, a teologia da retribuição<sup>8</sup>.

A cena da cisterna tem um detalhe cruel: a Bíblia diz que após jogarem José na cisterna, seus irmãos se assentaram e comeram pão<sup>9</sup>. É a imagem da mesa, da fraternidade destruída. É a quebra voluntária da unidade. Comer pão sem a participação do irmão é o anti-Pai Nosso. Estamos diante da contradição da comensalidade - é comer *sem* o outro.

Aquela cisterna era como um túmulo. É precisamente de um túmulo que Jesus sai para reinar eternamente - do túmulo para a vida! É junto a um poço em Sicar, “perto das terras que Jacó tinha dado a seu filho José” (Jo. 4.5) que Jesus vai sinalizar vida a uma mulher samaritana. Andar com Deus é não ser derrotado pelo império da morte em suas múltiplas faces.

José é atacado no mais profundo da alma: a identidade pessoal. Ele é vendido como uma mercadoria qualquer. Seus irmãos não o conhecem como irmão, mas como gente/coisa que se pode vender. Ele enfrenta a ruptura da humanidade, a *coisificação*<sup>10</sup>.

Apesar de todos esses ataques e crises, José jamais fica remoendo o que lhe aconteceu ou jurando vingança contra seus irmãos - ele tinha uma missão: “procure seus irmãos”. Sua missão vai além da mera formalidade: encontrar e r(d)elatar. Ela compreende um nível muito mais profundo: existencial, familiar, humano.

---

<sup>7</sup> Gn. 37.24

<sup>8</sup> Entendo “teologia da retribuição” como a tentativa de obrigar Deus a nos abençoar uma vez que estejamos “fazendo a sua vontade”. A ideia da experiência de troca não pode subsistir a uma análise bíblica honesta.

<sup>9</sup> Gn. 37.25

<sup>10</sup> Um conceito muito profundo que, filosoficamente, nos remete ao valor das pessoas enquanto rendimento, enquanto *coisas*.

Na história de José, Deus não aparece como fizera com Abraão, Isaque e Jacó. Não há aparições, teofanias. Deus também não fala diretamente com José. O que acontece é que José sabe fazer leituras de fé. Deus está sempre com ele. No testemunho de Estevão é isso que aparece: “Deus estava com ele” (At. 7.9).

José faz leituras de fé sem precisar dos atrativos dos milagres. José vê Deus em tudo mesmo que Ele não apareça em nada.

### **3. CONFLITOS SEXUAIS**

José é apresentado na Bíblia com uma biografia perigosa: jovem, inteligente e belo<sup>11</sup>. Todo dom de Deus, cedo ou tarde, desperta os olhares do mal - a tentação! Um provérbio japonês diz: “O prego que se destaca é martelado”. É o problema da vitrine: atrai todos os olhares.

O texto de Gênesis aprofunda essa dimensão ao dizer que a mulher de Potifar “pôs os olhos em José” (39.7). Em seguida, surge o convite do desejo: “Deita comigo!”. Quando alguém está sozinho, abandonado, numa terra distante, parece ter tudo para se vingar, menos José!

José foge nu<sup>12</sup>. É o jeito bíblico para enfatizar que ele está vulnerável, exposto, fragilizado. A mulher de Potifar fica com a roupa dele nas mãos e, assim como seus irmãos, terá de inventar uma mentira. A mentira, na história de José, tem um elemento desesperador: é o vazio, sem conteúdo real, roupa sem corpo.

José é o oposto do pai, Jacó. Se a caminhada de seu pai sempre teve pedras, a de José tem panos... Para Jacó, a figura sugere a realidade inflexível das coisas, a “vida dura”; para José, a figura sugere a irritante sensação da leveza, a vida que lhe escapa.

José tinha tudo para “chutar o balde”, mas sua escolha foi sobre não desonrar o seu Deus. Não dá para encontrar seus irmãos, mas perder-se no processo. A lição é magistral: nossa missão passa necessariamente pelos meandros mais obscuros do nosso ser. Não se trata apenas de um esforço religioso, místico, mas sim, de entrega radical, absoluta - é ser fiel também na distância, na ausência. Lealdade.

### **4. CONFLITOS ESPIRITUAIS**

---

<sup>11</sup> É a tentação das biografias atuais: uma geração que, sob o olhar condicionado da cultura, tende a espremer a vida dentro desses moldes.

<sup>12</sup> Gn. 39.10-16

José é o bem que não recebe aplausos. Sua história não é de sucesso, é de triunfo<sup>13</sup>. Ele é o bem punido, o bem esquecido, mas nunca deixa de ser e fazer o bem. José parece antecipar a fala de Paulo aos Romanos 12.21: “vence o mal com o bem”.

José vence no Egito dos deuses. Ele passa por uma experiência extraordinária: de escravo a governador! A chance de se vingar usando a maior máquina imperial do mundo está ao seu alcance. A vingança poderia ter uma estrutura magnífica. Poderia ser magistralmente engendrada. A vingança sempre foi tema predileto da literatura, entretanto, a ótica bíblica da história de José não nos leva à vingança, mas à reestruturação da vida, da família e dos valores.

Quando vira governador, novamente os sonhos estão em seu caminho: só que agora são sonhos do Faraó. A realidade dura se apresenta: fome! Os caminhos bíblicos nos levam a uma surpresa da graça: José vai ter que servir pão aos seus irmãos. Exatamente como fazemos na Ceia do Senhor até hoje! É na cruz que as nossas dores são transformadas em pão - “Pai Nosso/Pão Nosso”.

Seus irmãos chegam ao Egito. Começa uma trama que só pode ser explicada à luz da missão de José - cada teste dele com seus irmãos não é uma guerrinha de vingança, é parte de um processo, de uma leitura, é a estrutura do perdão. José não perdoa apenas com palavras, numa retórica hipócrita. Seu perdão é ato, é concretude que se realiza no partir do pão com aqueles que quase o destruíram.

Quando ele acusa seus irmãos de serem espiões, eles se defendem usando uma expressão: “somos todos filhos do mesmo homem” (Gn. 42.11). Eles não dizem que são irmãos! Ainda sofrem da patologia da identidade - a unidade ainda está quebrada. Essa é a questão central da humanidade até hoje: somos todos filhos do mesmo pai, mas dificilmente somos irmãos (DNA, raça, nações, extremismos).

Eles ainda não sabem, mas estão diante do irmão que julgavam morto. Também não sabem que os mortos são eles e sua fraternidade. Eles acusaram José de ser espião do pai; agora são acusados da mesma coisa! José coloca os irmãos na prisão, “suspeitos” de espionagem. Eles estão refazendo o caminho que, um dia, obrigaram o

---

<sup>13</sup> Há grande diferença entre os conceitos de “sucesso” e “triunfo”. Sucesso é um conceito da moda, o que nos espera no *pódium* do poder, geralmente sob os destroços dos outros. Triunfo é conceito mais puro, uma vitória que não tem vícios, que não foi às custas de ninguém.

irmão: suspeita, intriga, prisão<sup>14</sup>. Há uma dinâmica das relações tortuosas: dá trabalho reconstruir.

Os irmãos voltam pela segunda vez, mas o motivo ainda é a fome, não o amor do Pai e a família. Enquanto eles não se descobrirem como irmãos, pelo amor do pai, José não se revelará. Ele ainda segue sua missão: “procure seus irmãos”.

José faz mais um teste: ele dá privilégios a Benjamin, quer ver se a inveja ainda domina seus irmãos. Por causa do amor do pai por Benjamin é que os irmãos, finalmente vão se unir e até se sacrificar. José então começa a ver os resultados de sua missão: unir pelo amor do Pai. A vida de um estava, finalmente ligada ao outro. No fundo, apesar das diferenças, sempre foram irmãos. Olhos embaçados pela inveja ou ódio não conseguem detectar as semelhanças, pois focam amargamente as diferenças, insistindo em vê-las como ameaças.

No Egito é que eles vão começar a perceber suas crises. Orígenes, comentando esse texto, disse que ninguém sobe do Egito. Lá só se desce. A Bíblia diz que os irmãos de José “desceram ao Egito”. Em Gn. 42.26, quando eles voltam para casa, o texto não diz: “subiram do Egito”, diz que eles “partiram de lá” - no Egito ninguém sobe, só desce.

## **5. Restauração**

O reencontro da família acontece no Egito, longe de casa, quando nenhum deles é o mesmo! Maduros, estão, finalmente, juntos!

No abraço de Jacó é que José, sem usar palavras, pôde, enfim, dizer: “Encontrei meus irmãos!” A missão foi cumprida. O caminho do amor passa pela presença do mal, mas até o mal é transformado em bem, pois quem sabe fazer as leituras de Deus na história, nunca se perde: “(...) para a conservação da vida” (45.5).

Quantas vezes o plano de Deus para nós passa pela zombaria dos banais. João Batista teve a cabeça arrancada por causa de um rei bêbado extasiado pela dança de uma menina cuja mãe era maligna<sup>15</sup>.

Quando olhamos para a relação entre a figura de José e a vida de Jesus, mais uma vez a semelhança se apresenta: o que os irmãos de José fizeram com a túnica, os

---

<sup>14</sup> A leitura de José não é, de modo algum, um jogo de poder ou de vingança: é a estrutura da graça: o perdão que cria o cenário da reconstrução.

<sup>15</sup> Mt. 14.6-11

soldados de Pilatos fizeram com Jesus. No texto de Marcos 15.16-20, os soldados zombam ao fazer da morte de Jesus uma paródia da coroação dos reis.

O mundo sem Deus sempre zombará dos homens e mulheres de Deus. Uma lição difícil se faz necessária e urgente: não espere aplausos do mundo. Ninguém sobe no Egito!

José ainda vai nos ensinar outra lição extraordinária de restauração. Quando seus filhos nascem ele dá nomes que revelam sua alma: Manassés: “O Senhor me fez esquecer”. Isso é cura! O detalhe aqui é magistral: não foi José que esqueceu; foi Deus - o Senhor - que o fez esquecer! José reconhece e glorifica o Senhor que sempre esteve com ele. Não é mérito, é graça!

Na vida espiritual, não podemos resolver sozinhos o nosso passado. No máximo fazemos uma dolorosa faxina mental, uma higiene psicológica, mas purificação e redenção somente pela graça de Deus.

O segundo filho chama-se Efraim: “O Senhor me deu frutos na terra do meu sofrimento”. Isso é gratidão! Cura por Manassés, gratidão por Efraim. Quem tem um Manassés, sempre gera um Efraim!

Em Gênesis 48.1-5; 20 Jacó "adota" Efraim e Manassés (dois egípcios). A história familiar de José é, por si só, um indicativo do alcance universal e missionário da graça de Deus. É uma história de salvação. É uma história de resgate, de encontros de cura mesmo numa nação pagã.

José criou seus filhos para viverem o amor entre irmãos. Não há na Bíblia relato de brigas entre os dois. Ele conseguiu encontrar seus irmãos e educar seus filhos para, de fato, serem irmãos. José rompeu o ciclo de crises e intrigas entre os irmãos. Seus filhos se tornaram exemplos profundos de unidade familiar: até hoje é muito difícil alguém se referir a Manassés e não lembrar, imediatamente, de Efraim, seu irmão. A história de José é um apelo para nós: que ninguém se perca em nossas casas!

## **CONCLUSÃO**

“Encontre seus irmãos”: somos chamados a vivermos a nossa fé no contexto da unidade. Precisamos viver como amados à mesa da fraternidade. O chamado de Deus passa pelo Egito, pela fome e pelos conflitos, sobretudo, pelas dores mais agudas da alma. Não podemos esperar facilidades.

José é um poderoso lembrete: precisamos andar com Deus. Vivemos numa geração de afastamento do sagrado, de declínio da verdade e abandono dos valores. Numa era de tantas máscaras, Deus procura pela verdade da nossa vida, a verdade de um José - gente de Deus capaz de revolucionar o Egito sem Deus.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*, Antigo e Novo Testamento, edição contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1995.

BRIZOTTI, Alan. *Jovens de Deus no mundo sem Deus*. Goiânia: Estação da Fé, 2017

FIGUEIREDO, Antônio Pereira de. *Bíblia Sagrada*, Antigo e Novo Testamento, traduzida segundo a Vulgata Latina. São Paulo: Editora Didática Paulista, 2006.

RUPNIK, Marko Ivan. *“Procuro meus irmãos”*: *Lectio divina* sobre José do Egito. São Paulo: Paulinas, 2005

SEPTUAGINTA: *Editio Altera/Revised Edition*, 2006 Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart. Editado por Alfred Rahlfs, SBB, 2011.

SAYÃO, Luiz Alberto, editor geral. *Bíblia Brasileira de Estudo*. São Paulo: Hagnos, 2016

WALTKE, Bruce K. *Comentário do Antigo Testamento: Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010